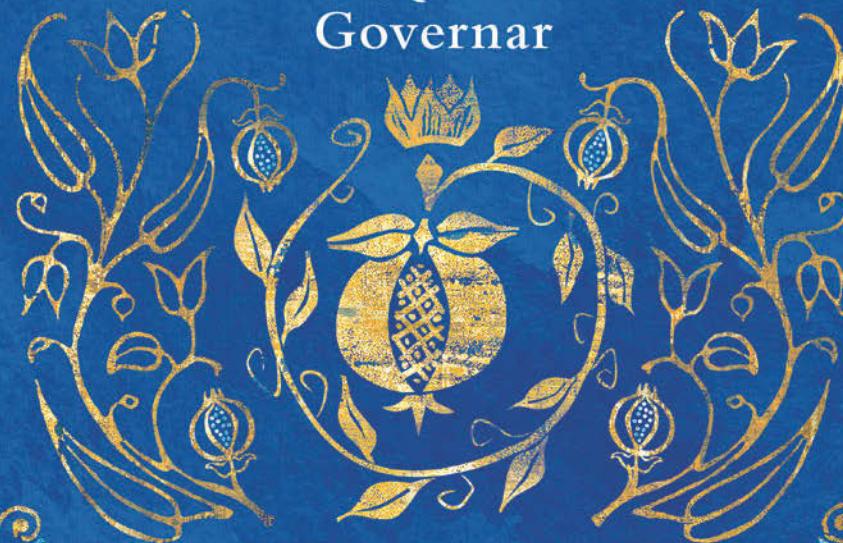




# RAINHAS de JERUSALÉM

Mulheres Que Ousaram  
Governar



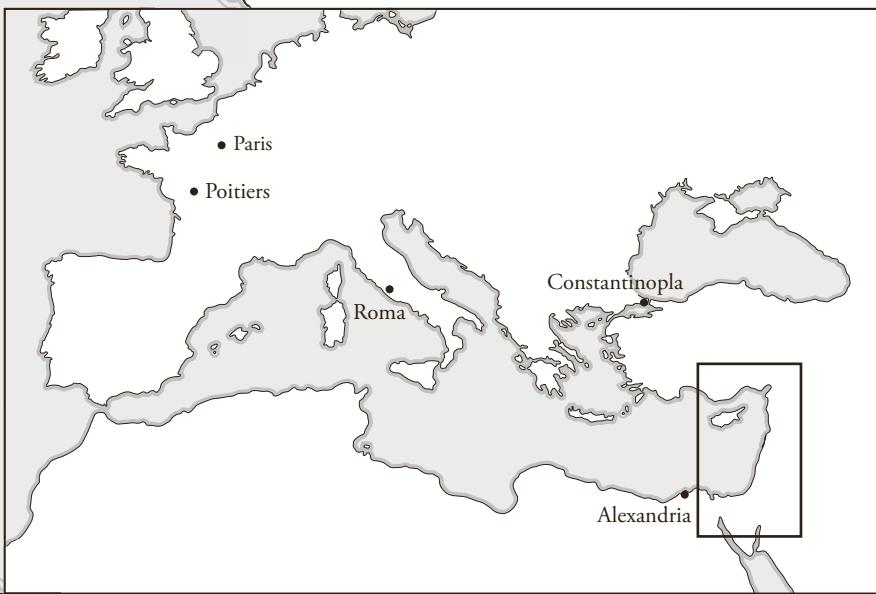
KATHERINE  
PAGONIS



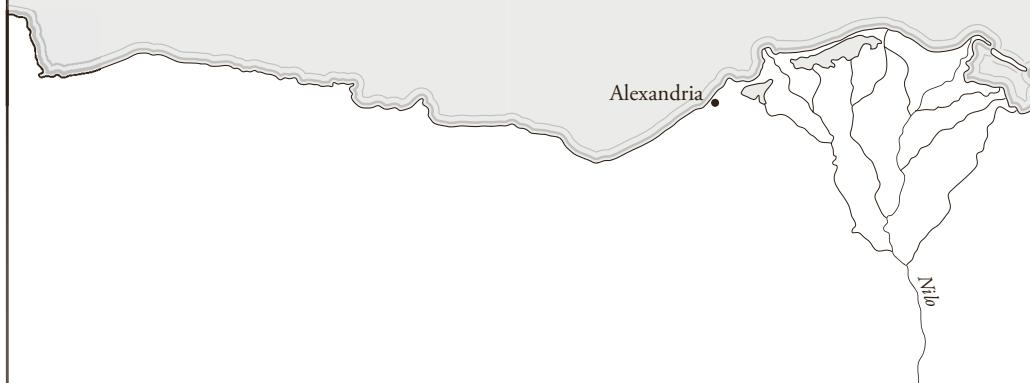
*Dedicado à memória das minhas avós,  
ambas mulheres fortes.*

## ÍNDICE

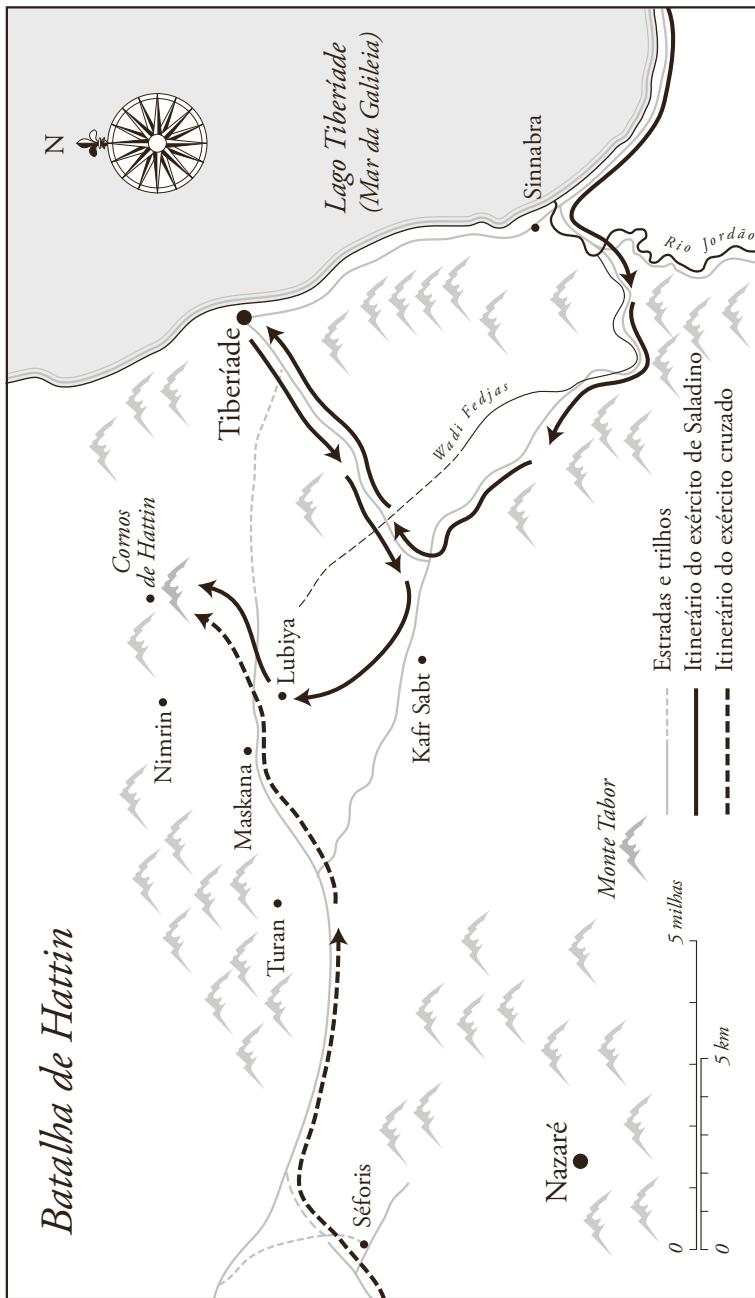
<i>Mapas</i>	8
<i>Genealogias</i>	12
<i>Cronologia dos Acontecimentos</i>	15
<i>Nota da Autora</i>	21
Prefácio	23
Introdução: O Nascimento do Outremer	31
Capítulo 1: Morfia e as Quatro Princesas	41
Capítulo 2: Alice, a Princesa Rebelde de Antioquia	83
Capítulo 3: Melisanda de Jerusalém	121
Capítulo 4: O Segundo Reinado da Rainha Melisanda	159
Capítulo 5: Leonor de Aquitânia	207
Capítulo 6: Constança de Antioquia	245
Capítulo 7: Agnes e Sibila	277
Capítulo 8: O Começo do Fim	317
Epílogo	357
<i>Agradecimentos</i>	361
<i>Bibliografia</i>	365
<i>Índice de nomes</i>	379



M A R   M E D I T E R R A N E O

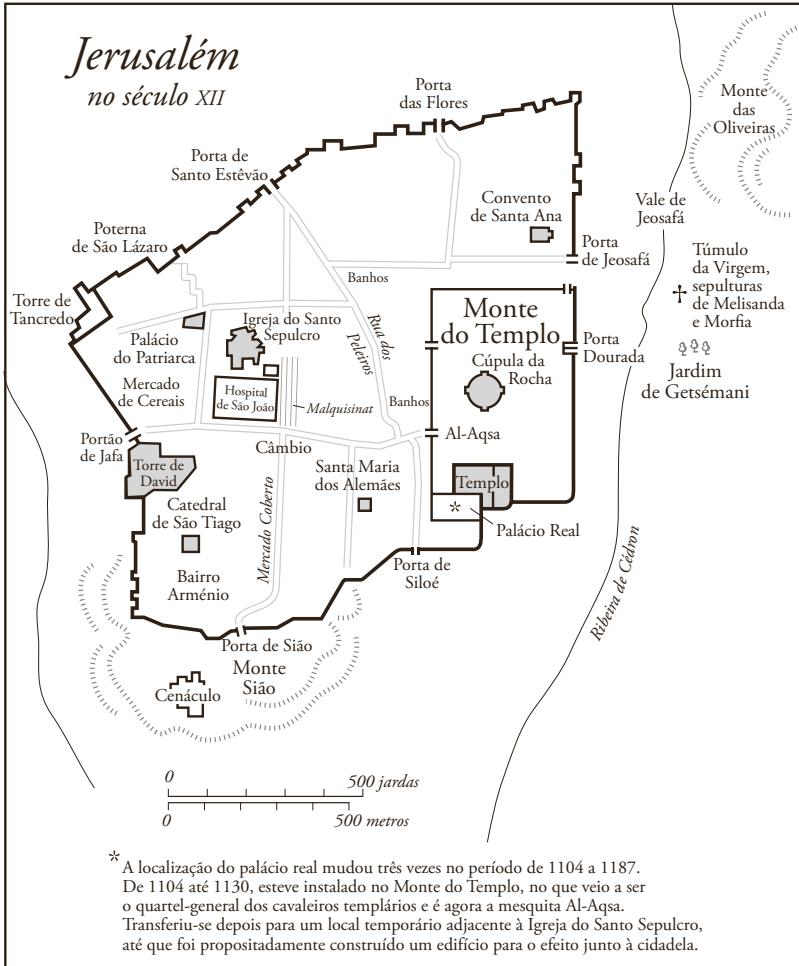






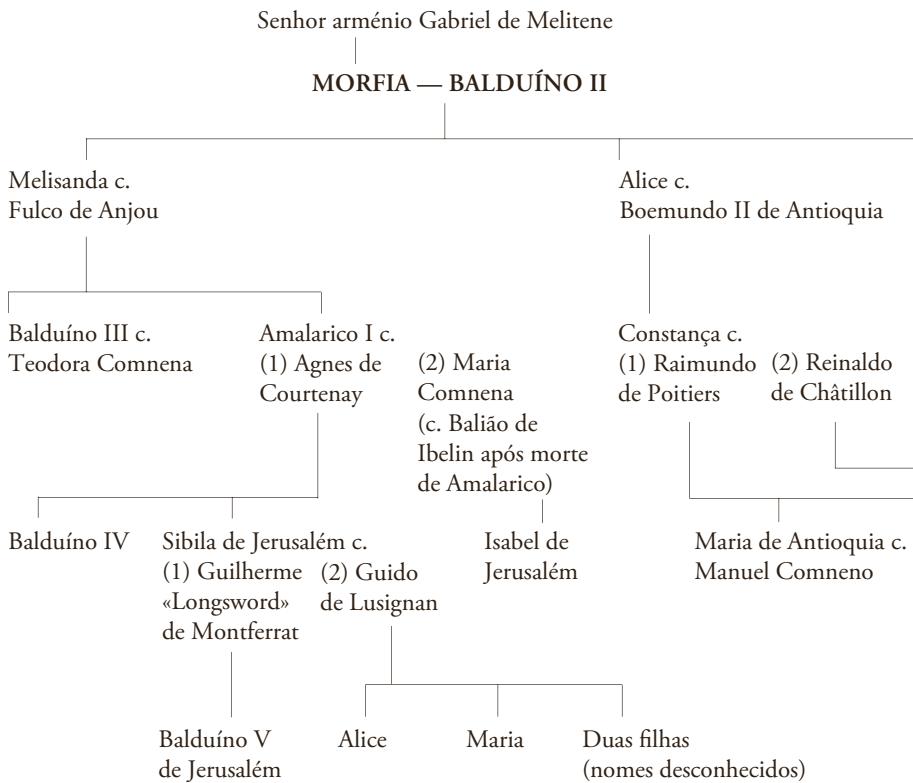
Com um agradecimento ao Professor Jonathan Phillips pela informação aqui reproduzida relativamente à movimentação do exército de Saladino.

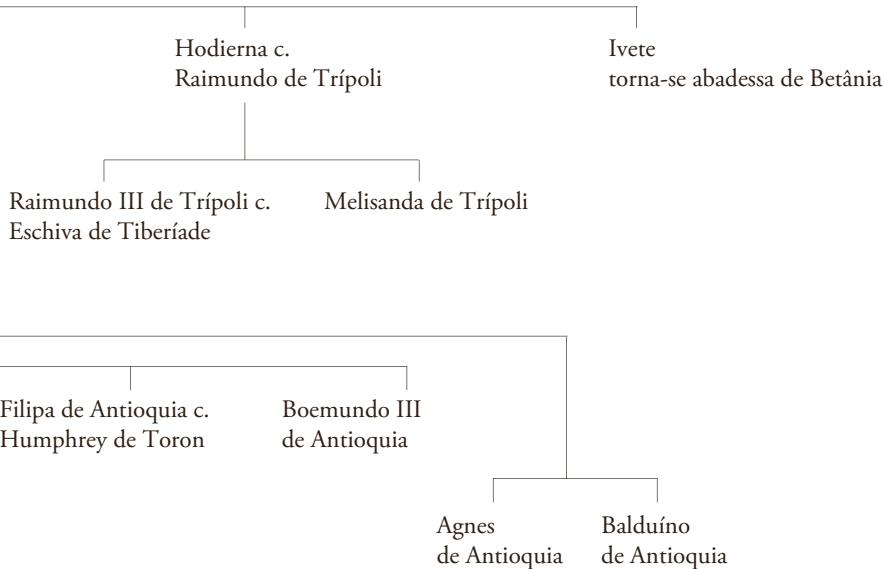
## Jerusalém no século XII



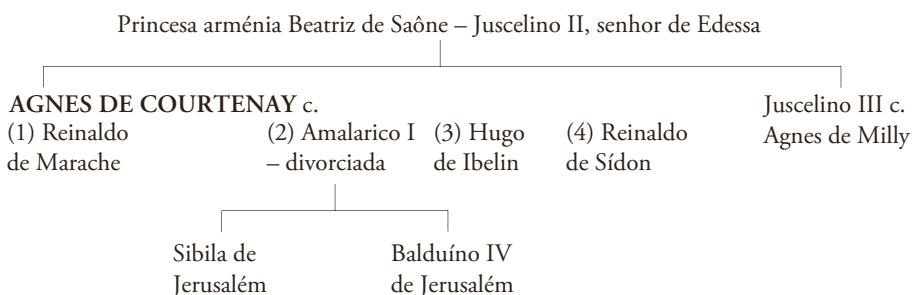
\* A localização do palácio real mudou três vezes no período de 1104 a 1187. De 1104 até 1130, esteve instalado no Monte do Templo, no que veio a ser o quartel-general dos cavaleiros templários e é agora a mesquita Al-Aqsa. Transferiu-se depois para um local temporário adjacente à Igreja do Santo Sepulcro, até que foi propositadamente construído um edifício para o efeito junto à cidadela.

## Casa Real de Jerusalém





### *Família reinante em Edessa*



## CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS

*Muitas das datas nesta cronologia são as melhores estimativas, ainda que controversas. O objetivo é mais transmitir uma percepção da cronologia do que ser rigorosa.*

- 30–33 d.C. Crucificação de Cristo  
O cristianismo começa a difundir-se pelo Médio Oriente
- 70 Queda de Jerusalém às mãos do imperador romano Tito
- 285 O Império Romano cinde-se nos impérios Oriental (bizantino) e Ocidental
- 312 O imperador bizantino Constantino converte-se ao cristianismo
- 614 Conquista de Jerusalém pelos Persas Sassânidas  
Início da Guerra Santa cristã para conquistar Jerusalém  
Reconquista de Jerusalém pelo imperador bizantino Heráclio
- 638 O Califado Árabe conquista Jerusalém
- 1071 Os Turcos Seljúcidas arrebatam Jerusalém ao Califado Fatímida
- 1081 Aleixo Comneno torna-se imperador bizantino
- 1096 Principia a Primeira Cruzada
- 1098 Balduíno de Bolonha torna-se senhor de Edessa  
Conquista de Antioquia por cruzados

- Boemundo de Tarento torna-se príncipe de Antioquia
- 1099 Cruzados conquistam Jerusalém  
Godofredo de Bulhão declara-se Defensor do Santo Sepulcro
- 1100 Morte de Godofredo, sucedendo-lhe Balduíno I como primeiro rei de Jerusalém  
Balduíno de Bourcq torna-se Senhor de Edessa e casa com **Morfia de Melitene**  
Captura de Boemundo I de Antioquia pelos Turcos Danismêndidos  
Tancredo é investido como regente de Antioquia
- 1103–1105 Cerco de Trípoli por Raimundo de Toulouse
- 1104 Conquista de Acre por Balduíno I  
Batalha de Harran, Balduíno de Edessa e Juscelino de Courtenay capturados pelos Turcos Seljúcidas
- 1105 Nascimento de **Melisanda**, filha de Balduíno I e **Morfia**
- 1108 Balduíno de Edessa libertado
- ~1109 Nascimento de **Alice**, irmã de Melisanda
- 1109 Trípoli capturada por Francos
- ~1110 Nascimento de **Hodierna**, irmã de Melisanda
- 1112 Morte de Tancredo  
Pons de Trípoli casa com *lady Cecília de França*
- 1113 Balduíno I casa com **Adelaide del Vasto da Sicília**
- 1113–1115 Balduíno de Edessa conquista a Cilícia Oriental
- 1118 Morte de Balduíno I, sucedido por Balduíno de Edessa como Balduíno II, rei de Jerusalém, coroado conjuntamente com **Morfia**
- 1119 Morte de Rogério de Salerno na Batalha do Campo de Sangue

	Principia a regência de Balduíno II em Antioquia
1120	Nascimento de Ivete, irmã de Melisanda
1123	Balduíno II aprisionado por Balak
1124	Cruzados capturam Tiro
	Balduíno II libertado
1126	Alice casa com Boemundo II de Antioquia
~1127	Morte de <b>Morfia</b>
1128	Nascimento de <b>Constança de Antioquia</b> , filha de Alice
1129	<b>Melisanda</b> casa com Fulco
1130	Nascimento de Balduíno III, filho de <b>Melisanda</b> e Fulco
1130	Morte de Boemundo II
	Primeira rebelião de <b>Alice de Antioquia</b>
1131	Morte de Balduíno II, sucedendo-lhe
	<b>Melisanda</b> , Fulco e Balduíno III ainda criança
1131	Segunda rebelião de <b>Alice de Antioquia</b>
~1133	<b>Hodierna</b> casa com Raimundo II de Trípoli (não se conhece a data exata)
1134	Hugo de Jafa subleva-se contra Fulco, é derrotado e condenado ao exílio
	Morte de Hugo
1136	Nascimento de Amalarico I, irmão de Balduíno III
	Terceira rebelião de <b>Alice de Antioquia</b> e sua derrota final
	Raimundo de Poitiers casa com <b>Constança</b> <b>de Antioquia</b>
1137	Morte de Pons de Trípoli
~1139	<b>Melisanda</b> funda o Convento de Betânia
1143	Morte de Fulco, sucedendo-lhe Balduíno III com 13 anos, sob regência de <b>Melisanda</b>
1144	Edessa conquistada por Zengi

- 1145 Melisanda recusa abdicar do cargo de regente quando Balduíno III atinge a maturidade O papa Eugénio III convoca a Segunda Cruzada
- 1146 Morte de Zengi  
Nur ad-Din herda Edessa
- 1147 Lançada a Segunda Cruzada
- 1148 Luís VII e **Leonor de Aquitânia** chegam a Antioquia e não conseguem conquistar Damasco a Mu'in ad-Din
- 1149 Raimundo de Antioquia morto na Batalha de Inab
- 1152 Balduíno III derrota **Melisanda** em guerra civil O casamento de **Leonor de Aquitânia** com Luís VII é anulado  
**Leonor** casa com Henrique Plantageneta
- 1153 **Constança de Antioquia** casa com Reinaldo de Châtillon
- 1154 Nur ad-Din arrebata o controlo de Damasco de Mujir ad-Din e casa com **Ismat ad-Din Khatun**
- 1157 Amalarico I casa com **Agnes de Courtenay**
- 1158 Balduíno III casa com **Teodora Comnena**, sobrinha do imperador Manuel Comneno
- ~1160 Nascimento de **Sibila**, filha de Amalarico I e **Agnes** (entre 1157 e 1160)
- 1161 Nascimento de Balduíno IV, irmão de **Sibila**  
Maria de Antioquia casa com Manuel Comneno  
Morte de **Melisanda**
- Morte de **Zumurrude de Damasco** em Medina
- 1163 Morte de Balduíno III, sucedendo-lhe o irmão Amalarico I, que se divorciou de **Agnes** para poder tornar-se rei

- 1164 Nur ad-Din ataca Harim, derrota o exército cristão e aprisiona Raimundo III de Trípoli, Boemundo III de Antioquia, Juscelino III de Edessa e Reinaldo de Châtillon
- 1165 Boemundo III é libertado
- 1167 Amalarico I casa com **Maria Comnena**, sobrinha-neta de Manuel Comneno  
**Teodora Comnena** foge com Andrónico Comneno
- 1169 Saladino torna-se vizir do Egito  
Nascimento de Aleixo II Comneno, filho de **Maria de Antioquia** e Manuel Comneno
- 1170 Tréguas entre francos e muçulmanos
- 1172 Nascimento de Isabel, filha de **Maria Comnena** e Amalarico I
- 1174 Morte de Amalarico I, sucedendo-lhe Balduíno IV  
Morte de Nur ad-Din  
Saladino apodera-se de Damasco e casa com a viúva de Nur ad-Din, **Ismat ad-Din Khatun**
- 1176 Derrota dos Bizantinos pelos Turcos Seljúcidas na Batalha de Miriocéfalo  
**Sibila** casa com Guilherme «Longsword» de Montferrat
- 1177 Morte de Guilherme de Montferrat  
Nascimento de Balduíno V, filho de **Sibila** e Guilherme de Montferrat  
Balduíno IV derrota Saladino na Batalha de Montisgard
- 1179 Balião de Ibelin casa com **Maria Comnena**  
Saladino derrota forças cristãs nas batalhas de Marj Ayyoun e do Vau de Jacob
- 1180 **Sibila** casa com Guido de Lusignan

	Morte de Manuel Comneno, sucedendo-lhe Aleixo II
1182	<b>Maria de Antioquia</b> governa com o seu amante, Aleixo Protosebasto, em representação do filho Balduíno IV nomeia Guido de Lusignan regente
1183	<b>Maria de Antioquia</b> é executada <b>Isabel</b> casa com Humphrey de Toron Cerco de Kerak Saladino conquista Alepo Balduíno IV tenta destituir Guido de Lusignan da regência Balduíno V é coroado corregente
1185	Saladino acorda tréguas com Jerusalém Balduíno IV morre, tendo como sucessor Balduíno V
~1186	Morre <b>Agnes</b> (em data entre os primeiros meses de 1184 e final do verão de 1186) Morre Balduíno V <b>Sibila</b> é coroada rainha Morte de <b>Ismat ad-Din Khatun</b>
1187	Eclode a guerra, interrompendo tréguas de cinco anos Saladino derrota o principal exército de cruzados na Batalha de Hattin, aprisiona Guido de Lusignan e executa Reinaldo de Châtillon Jerusalém fica nas mãos dos exércitos de Saladino O papa convoca a Terceira Cruzada
1188	Guido de Lusignan é libertado do cativeiro
1190	Morte de <b>Sibila</b> e das filhas no Cerco de Acre
1205	Morte de <b>Isabel</b>

## NOTA DA AUTORA

Este livro trata de mulheres e poder. É sobre o poder pelo qual lutaram mulheres da nobreza no Outremer\*. Narra as histórias de uma dinastia extraordinária de mulheres governantes, examinando os desafios e triunfos no decurso das suas vidas.

A instabilidade singular e o estado de crise quase constante no Outremer criou uma conjuntura em que mulheres de nascimento nobre podiam ser impulsionadas para lugares de destaque e exercer um poder efetivo. Mulheres aristocratas em Jerusalém, Antioquia, Trípoli e Edessa representaram uma importante força na política do Médio Oriente medieval. Apesar disto, na maior parte dos casos, mulheres desse período com esse estatuto têm sido consideradas pelos historiadores como pouco mais do que transmissoras de terras e reproduutoras da geração seguinte de reis. Têm sido recordadas como esposas, mães, filhas e irmãs de homens poderosos, não como figuras autónomas e líderes ativas com a sua própria determinação política. Nos anos mais recentes, tem-se conseguido um enorme progresso na correção deste panorama, mas trata-se de iniciativas confinadas principalmente a obras académicas. O propósito deste livro é retificar esta situação e arrancar da sombra as rainhas de Jerusalém,

---

\* Ultramar ou Além-mar. Conserva-se nesta tradução a expressão original mais comumente utilizada nos livros de História para referir os Estados latinos criados no Levante após a primeira cruzada. [N. T.]

as princesas de Antioquia e as condessas de Trípoli e Edessa, mostrando-as ao público em geral.

Não é função do historiador, nem mesmo da historiadora feminista, fazer heroínas de cada figura feminina caluniada ou enjeitada pela história. É antes apresentar factos e análises relevantes para oferecer aos leitores o melhor conhecimento possível de quem foi essa pessoa e como atuava num contexto social, político e religioso da sua sociedade. Este livro ponderará provas e fontes originais onde necessário para ilustrar algo que seja obscuro e disponibilizará aos leitores excertos das fontes, convidando-os a formular as suas próprias conclusões em tópicos controversos e a pôr à prova a validade da mexeriquice medieval. Pretende ser uma obra de biografia narrativa e não uma análise académica de autodeterminação política ou historiografia feminina.

A sua redação conduziu-me pelas salas de leitura das bibliotecas Britânica e Bodleiana, da Bibliothèque Mazarine, e por toda a Europa e o Médio Oriente. Grande parte foi escrita na Cidade Velha de Jerusalém e em vários quartos de hotel, cafés e ruínas desabrigadas na Turquia, no Líbano, na Jordânia e em França. A oportunidade de viajar para este efeito e estar onde aquelas mulheres notáveis estiveram outrora, pisar as pedras sobre as quais caminharam e contemplar as paisagens que elas próprias viram proporcionou-me uma alegria profunda.

## PREFÁCIO

[...] a costa que durante tanto tempo ressoou com a discussão do mundo [...]

EDWARD GIBBON



As muralhas de Acre, junto ao Mar Mediterrâneo

No seu extremo mais oriental, as águas límpidas do Mar Mediterrâneo açoitam as muralhas desmoronadas em pedra clara, monumentos que perduram de um reino esquecido. Essas muralhas arruinadas são tudo o que resta de fortalezas outrora imponentes que defenderam a faixa costeira e os cumes escarpados desde o sul da Turquia até ao norte do Egito durante quase um milénio. A terra que a água banha aí, a terra em que se erguem essas fortalezas, é sagrada.

É a região mais cobiçada da história global, disputada pelas três grandes religiões abraâmicas — cristianismo, islamismo e judaísmo —, vendo-a cada uma delas como o seu centro espiritual. Estendendo-se pelos territórios palestinianos, Israel, Jordânia, Líbano, Turquia e Síria, tendo como riqueza nada mais do que a crença e submetida a um punitivo sol estival, esta terra tem sido objeto de guerras sanguinárias ao longo de séculos, da Antiguidade até ao presente. Com as suas fronteiras instáveis e governantes temperamentais, esta região cativou a imaginação de gerações em todo o mundo.

O fulcro deste conflito fica mais para o interior, a cerca de 65 quilómetros do Mediterrâneo. O polo de atração no centro de todos esses séculos de empreendimentos, a joia que se destinaram a servir esses castelos costeiros e portos, é a cidade santa de Jerusalém. Uma cidade viva e palpável no meio do Israel atual. Hoje, as ruas da Cidade Velha apresentam-se em grande medida como nos tempos medievais. O aroma das especiarias e o cheiro inconfundível dos legumes a saltear formam uma atmosfera espessa. Os brados dos vendedores a competir por clientes e a regatear preços de bugigangas fundem-se com o retinir incoerente de muitos conjuntos concorrentes de sinos e chamamentos árabes para a oração. A multidão de peregrinos e viajantes assemelha-se muito ao que teria sido há mil anos. Turistas espirituais encheram sempre as artérias desta cidade, mas são ainda assim o seu fluido vital. Cristãos, judeus e muçulmanos de todos os credos acotovelam-se, tentando chegar aos seus distintos lugares sagrados, todos concentrados no mesmo par de quilómetros quadrados.

O traçado das ruas e os monumentos também não mudaram muito desde tempos medievais, e um peregrino medieval não teria muita dificuldade a orientar-se hoje entre a Porta de Jafa e a Igreja do Santo Sepulcro. As ruas dos mercados que serpenteiam em torno dos lugares sagrados ainda exibem as

mesmas frontarias arqueadas das lojas onde se vendem artigos tradicionais, como artesanato em cabedal, ervas e símbolos religiosos. Sente-se nestas ruas antigas o frémito das orações e da azáfama do comércio, como há mil anos. Também vagueiam por aqui soldados, como aconteceria nos tempos medievais, uma advertência constante da instabilidade da região. Os cavaleiros com longas espadas foram substituídos por adolescentes israelitas com metralhadoras, a bebericar sumo de romá e a digitar mensagens nos telemóveis.

A arquitetura urbana tem testemunhado os seus séculos de história e permanece como testamento dos muitos regimes que vigoraram e tombaram entre as muralhas da Cidade Santa. Os arcos do período das cruzadas e as muralhas de pedra, com a sua cinzelagem diagonal erguem-se lado a lado com estilos mamelucos e otomanos. Cruzes, zimbórios e minaretes entremeiam-se na linha do horizonte. Quando o sol se põe na Cidade Velha, os seus raios incidem nas cúpulas douradas de igrejas cristãs antes de darem lugar ao halo verde-claro dos minaretes que ilumina o céu noturno.

Na Igreja do Santo Sepulcro, o lugar mais santificado do cristianismo e localização do túmulo terreno de Cristo, colunas e plintos do tempo de Constantino erguem-se a par de acrescentos medievais e modernos. Na capela arménia, aparatosos murais modernos dissimulam tetos abobadados dos cruzados, sustentados por capitéis bizantinos e românicos, decorados com temas de cestaria e folhas de acanto. Nas paredes que descem até à capela da Descoberta da Cruz estão gravadas milhares de cruzes toscas, marcas deixadas por cruzados e peregrinos individuais para assinalar o cumprimento da sua expedição.

Aí, no que parece ser as entradas da grande basílica, há uma capela escavada na rocha: o lugar onde Helena, mãe do imperador Constantino, afirmou ter encontrado a Verdadeira Cruz. Foi nesse lugar que mandou construir a grande igreja:

a Igreja do Santo Sepulcro foi fundada por uma mulher. Esta capela é uma das áreas mais silenciosas e ignoradas da igreja, mas era o culminar do itinerário da peregrinação medieval. É cavernosa, simples e na sua maior parte despojada de adornos, com vestígios de frescos do século XII a impregnar as paredes. Não há aqui qualquer estátua de Jesus, nem de Constantino, nem de nenhum dos homens proeminentes que vieram a ser associados ao edifício, somente a estátua serena de uma mulher majestosa inclinada sobre uma cruz, por cima de um altar humilde, a tremeluzir à luz das muitas velas votivas.

Hoje, a chave para o Santo Sepulcro está na posse de uma família muçulmana, guardiões neutros, para debelar os conflitos entre as diferentes denominações cristãs. A chave tem sido passada de pai para filho ao longo de gerações e, todos os dias às quatro horas da manhã, Adeep Joudeh percorre as ruas silenciosas e entaipadas, e entrega a chave que destranca a porta. É grande, em ferro e com a forma de uma flecha.

Esta cidade, com as suas ruas fustigadas por disputas, e as outras terras que a circundam foram sempre objeto de conflitos amargos. Em tempos passados, esta terra era referida pelos Europeus por «o Oriente» ou «o Levante». Os Franceses ainda falam do *Moyen-Orient*, tradução literal de Médio Oriente (*Middle East*), que é a designação agora preferida nos países anglófonos. Os termos «Levante» e «Oriente» têm ambos as suas raízes na imagística do Sol nascente. Se se estudar as respectivas etimologias no latim e no francês, significam «amanhecer» ou «erguer-se»: são estas as palavras ocidentais para terras orientais. Estão envoltas em mistério e evocam imagens de homens e mulheres nos tempos antigos, a fonzir os olhos à luz renovada e brilhante que desponta no horizonte, e a imaginar um mundo para lá dele: terras banhadas pelo sol, inundadas de matizes vermelhos e dourados, e sempre inatingíveis. Em árabe, é usado um termo análogo: *Mashriq*,

que deriva da palavra *sharaqa* e que também significa «erguer-se» ou «refulgar».

Não obstante a sua atual popularidade, as expressões «Médio Oriente» e «Próximo Oriente» são demasiado amplas para a região analisada neste livro, que é mais restrita. As histórias narradas nesta obra decorreram na fímbria de costa que se estende do Sul da Turquia até ao Norte do Egito, que antes de ser chamada Médio Oriente, e antes até de ser chamada Levante, era conhecida dos Europeus por outro nome: *Outremer*.

O nome *Outremer* nada tem que ver com o nascer do sol, mas veicula igualmente a inatingibilidade e a distância perceptível da terra nos espíritos daqueles que produziram a palavra. Vem do francês e traduz-se literalmente por «além-mar» ou «as terras para lá do mar». Define a terra pela sua alteridade e exotismo, e relativamente à viagem empreendida por sucessivos milhares de homens e mulheres medievais, por terra e por mar, da Europa Ocidental para a Terra Santa.

Durante milhares de anos, seguidores tanto do cristianismo como do islamismo e do judaísmo levaram a cabo peregrinações a Jerusalém. Ainda hoje os fiéis fazem peregrinações. Contudo, nos séculos XI, XII e XIII, as peregrinações cristãs ao Outremer adquiriram uma tonalidade diferente: passaram a ser armadas, tornaram-se organizadas e foram convocadas pelo próprio papa. Em 1095, Urbano II proferiu um discurso inflamado num concílio que reuniu elites clericais e seculares de França na cidade de Clermont. As palavras dele eletrizaram a audiência ao exortar os que ali estavam congregados a abandonar os seus lares e a pegar massivamente em armas para seguir rumo ao Oriente, para o Outremer, a fim de libertar os lugares santos de infiéis. Com este discurso, a noção tradicional de peregrinação pacífica cristã foi sobrepujada por uma sede de empreendimentos militares que viriam séculos mais tarde a ser conhecidos por «as cruzadas».

Para consternação de muitos, a Primeira Cruzada teve um êxito considerável. A 15 de julho de 1099, após anos penosos de guerra e marchas pela Europa e a Anatólia, os cruzados conquistaram Jerusalém. O resultado deste sucesso foi que, durante quase duzentos anos, europeus ocidentais ocuparam o Outremer. Criaram aí Estados cristãos, construíram as fortalezas que ainda hoje dominam a paisagem e, durante oitenta e oito anos, retiveram a própria Jerusalém como capital cristã.

Os feitos dos homens no Outremer durante este período são um hiperativo campo de estudo; todavia, os estudos das realizações das mulheres estão comparativamente inativos. As mulheres desempenharam um papel crucial tanto nas próprias cruzadas como na governação do Reino de Jerusalém. Quando exércitos marcharam para leste a partir da Europa, marcharam mulheres com eles. Homens que tinham essa possibilidade, levavam muitas vezes consigo as suas famílias, e mulheres mais pobres também viajavam com o exército. Essas mulheres preparavam refeições, lavavam roupas, cuidavam dos feridos, recolhiam lenha e eram amantes de soldados. Em ocasiões raras, irrompiam até no campo de batalha para fornecer água aos homens ou mesmo para lutar. Nos territórios ocupados do Outremer, mulheres nobres organizavam a logística dos cercos e negociavam com o inimigo, e mulheres das classes desfavorecidas labutavam com os homens para abrir túneis por baixo de fortificações. Sofriam tribulações inimagináveis, morriam ao lado dos homens e também eram vítimas de violação, encarceramento e escravidão. Milhares de mulheres europeias viram-se traficadas nos mercados de escravos de Alepo e Damasco ao longo do século XII. Quando os dirigentes masculinos do Outremer arriscavam demais e acabavam a apodrecer nas masmorras inimigas, eram resgatados pelas mulheres.

Apesar destes papéis claramente documentados, a esmagadora maioria de historiadores das cruzadas, tanto medievais

como modernos, negligenciou a participação das mulheres nos seus relatos. É intenção deste livro corrigir em certa medida este desequilíbrio, lançando alguma luz sobre os feitos de mulheres em posições de autoridade no Outremer: concretamente, a dinastia de extraordinárias mulheres governantes fundada por Morfia de Melitene, a primeira a ser coroada como rainha de Jerusalém. As filhas e netas dela reinaram como rainhas de Jerusalém, princesas de Antioquia, condessas de Trípoli e detiveram também muitas outras posições. Representam algumas das mulheres mais ousadas, imprevisíveis e persistentes que existiram na História. As fontes disponíveis sobre estas mulheres são escassas em comparação com aquilo de que dispomos a respeito dos seus maridos e pais, mas sobreviveu o suficiente para construir retratos vívidos dessas rainhas e princesas notáveis.

A mulher mais famosa abordada neste livro não foi rainha de Jerusalém nem sequer princesa de Antioquia, mas sim rainha de França e, posteriormente, Inglaterra: Leonor de Aquitânia. Tem lugar neste livro como primeira rainha europeia a empreender uma cruzada e devido a rumores estranhos que circularam a respeito da sua relação com o príncipe de Antioquia. Leonor granjeou talvez mais do que o seu justo quinhão de fama em comparação com as suas congéneres no Outremer. Não quero com isto menorizar o impacto ou a importância dela, mas antes contextualizá-la com o conhecimento de que houve muitas outras mulheres governantes no Oriente a criar problemas aos seus parentes e adversários masculinos. Talvez houvesse algo na água de Antioquia que inflamava o sangue, mas Leonor não estava de todo a romper com a tradição quando a sua natureza rebelde se afirmou entre as muralhas dessa cidade lendária. Na sua viagem para o Outremer, Leonor encontrara extraordinários modelos a seguir na infração às regras. Em Jerusalém, foi recebida pela figura intimidante da rainha Melisanda, primeira rainha

reinante de Jerusalém e uma das mulheres mais poderosas dessa era. Este encontro com uma mulher que incorporava tão magnificamente a ambição e a liderança feminina influenciou indubitavelmente a carreira posterior de Leonor.

À primeira vista, a história do Outremer parece ser esmagadoramente masculina, repleta de fúria, fanatismo e sanguinolência viris. Talvez isto seja verdade, mas a cólera e a inteligência de mulheres também desempenharam o seu papel na determinação do destino dessa região. Chegou a altura de esta região e este período serem vistos por uma ótica feminina. Este livro explora as vidas das mulheres governantes do Outremer desde o ano 1099 até à conquista de Jerusalém por Saladino em 1187.

No seu livro  
de estreia, Katherine Pagonis  
apresenta a história da dinastia de  
mulheres que governou o Médio Oriente.

Em 1187, os exércitos de Saladino sitiaram a cidade sagrada de Jerusalém. Atrás das altas muralhas da cidade uma defesa desesperada era liderada por um trio improvável — incluindo Sibila, rainha de Jerusalém.

Embora muitos livros tenham sido escritos sobre as Cruzadas, um aspeto está visivelmente ausente: as histórias das mulheres. Rainhas e princesas tendem a ser apresentadas como transmissoras passivas de terras e sangue real. Na realidade, as mulheres governavam, conduziam negociações diplomáticas, tomavam decisões militares, forjavam alianças, rebelavam-se e empreendiam projetos arquitetónicos.

Este é o relato das mulheres negligenciadas pela História, mulheres fortes, poderosas e que deixaram uma marca profunda na política do Médio Oriente medieval.

«Uma leitura extremamente interessante que finalmente aborda o papel crucial das mulheres da realeza na história das cruzadas.»

*All About History*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-360-7



9 789895 893607